DIRECTOR C. MALHEIRO DIAS

2.ª SERIE N.º 34

A mais importante casa de automoveis em Portugal

AGENCE GENERALE D'AUTOMOBILES PEUGEOT GARAGES VENTES REPARATIONS

A. BEAUVALET & C.TA

Representante de **PEUGEOT** a mais afamada marca de automoveis—**Praça dos Restauradores, Lisboa**

TABACARIA CUBANA

José Gonçalves Bastos

Deposito de tabacos de todas as procedencias em grosso e a retalho

Unico Importador dos afamados Charutos CARTOLLA e NHÔ-NHÔ

Especialidade cigarros COMMERCIAES

Estas marcas acham-se á venda em todas as tabacarias de LISBOA e PORTO

Rua Henrique Martins, n.º 36—MANAOS

Grandes armazens de moveis de ferro e colchoaria

DE

José A. de C. Godinho

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

Grande variedade em pannos de algodão e linho recebidos directamente de Paris, do Comptoir de l'Industrie Linière.

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

Preço 400 réis

CASA ESPECIAL DE CAFÉ DO BRAZIL

A. Telles & C.ª

Rua Garrett, 120 (Chiado), LISBOA—Rua Sá da Bandeira, 71, PORTO

TELEPHONE N.º 1:438

Café especial de Minas Geraes (Brazil)

LICOR VEGETAL

Preparado genuinamente brazileiro, composto exclusivamente de plantas do Brazil, approvado pela junta de hygiene dos Estados-Unidos da America do Sul, com marca registada em Portugal, é propriedade exclusiva da Pharmacia Brazileira em Lisboa, unica casa em Portugal legalmente auctorisada a vender este maravilhoso preparado, que é incontestavelmente o purificador do sangue que na actualidade maior numero de assombrosas curas tem operado, nas differentes molestias syphiliticas e escrophulosas, feridas, ulceras, rheumatismos, manifestações herpeticas, apertos d'uretra, purgações, morphéa, menstruações dolorosas e escassas e outras impurezas do sangue.

PREÇO

1 frasco 1$000 réis
7 frascos 6$000 réis

Para provincia PORTE GRATIS

Todos os pedidos devem ser feitos assim:

Pharmacia Brazileira

15, L. de S. Domingos, 15-A

LISBOA

I

Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

A. DE QUENTAL.

Certo dia, nem sei quando passado,
Achei-me em dolorosa romaria
Que trepava por certo descalvado
Onde uma ermida alvissima se erguia.

Em tôrno, quanto os olhos alcançavam
Eram tudo fraguêdos, bravos montes
Por onde sombras d'azas não voavam
Nem se ouviam correr veios de fontes.

O resto, sêcca terra denegrida
A distantes cabêços ondulando
Como um nocturno mar, um mar sem vida,
Que tivesse parado, congelando;

E um despido abandono, um tom final
De mundo que esquecido já ficasse,
Tão longe... que o amor universal
Nem um delgado raio lhe mandasse!

E como se esse peso e vista escura
De tão desguarnecida natureza
— Que dava á propria neve mais brancura,
E ás voadoras nuvens mais leveza—

Como se tal feição de serras cruas,
Como se um mundo tal de mudo horror
Ainda avivasse o frio ás almas nuas,
A's assustadas almas o temor,

Olhos postos na ermida, os da romagem,
Sedentos, alquebrados, arquejantes,
Os braços levantavam para a Imagem,
N'um pranto de perdidos navegantes.

Anciosos por chegar, sem termo viam
O carreiro trepado a pés sanguentos,
E a cada passo dado mais subiam
Os agudos e trágicos lamentos.

E' que n'aquella extensa romaria,
Em cauda sobre um valle agreste e fundo,
Disputavam-se os passos, á porfia,
Tudo quanto são lástimas do mundo.

E entre todos ouviam-se gemer
Aquelles que domina o sobresalto
Do mal que ainda ha de, ao certo, acontecer,
Do mal que o Fado traz suspenso d'alto;

Aquelles a quem negra voz d'agoiros
— No começo da vida ou no seu termo —
Os cabellos ergueu, brancos ou loiros,
Como vista de lobo em sitio ermo...

Chegada junto á ermida finalmente,
A multidão, em fio, procurava
Uma fonte sonora e transparente
Que sob os pés da Imagem borbulhava.

Depois, tomado alento na frescura
D'essa agua onde corria graça viva,
Cada peito contou sua tortura
A' Virgem maternal e compassiva.

II

Na mesma ancia de amparo confundidos
Prostravam-se no chão velhos e novos;
Viam-se par a par chefes de povos
E vultos taciturnos de opprimidos;

Pois quantos ali vinham conheciam
A virtude que os olhos virginaes
D'aquella Imagem doce possuiam
Contra agoiros, más sortes e signaes ..

Humilhando no pó seu nobre manto
Pedia altivo rei, destro e formoso,
Remedio contra pérfido quebranto
Que houvera de tornal-o ainda leproso.

Logo um velho senhor, as mãos erguendo,
Rogava á Mãe de Deus, cheia de graça,
Lhe afastasse o prognostico tremendo
De vêr no crime extincta a sua raça.

E já d'entre as dos mais se alevantára
D'um moço noivo a prece angustiada,
Pois para breve a sina futurára:
Ir ter nos braços morta a noiva amada,

Quando surgiu a trágica oração
Dos da leva esmagada e opprimida
A quem assusta ainda a predicção
Da fome... ha tanto d'elles conhecida!

Até que, tudo e todos dominando,
Veiu uma mãe, de olhar allucinado,
Para a Virgem nos braços levantando
Um filhinho por aves agoirado.

E emfim a doce Imagem entreabria
Os seus delgados beiços de creança,
E cada agoiro negro desfazia
Com palavras de fé, gestos de espr'ança.

E aquelles a quem tinha confortado
Seu trino dom: de voz, sorriso e olhar,
Logo tudo em redor viam mudado,
Como se o mundo fôra a começar.

Por onde, d'essa ermida, então desciam
Sob os olhos lustraes da Santa Imagem
Mas, agora, afinal reconheciam
O caminho subido na romagem,

Tão viva de verdura lhes brotava
Aos pés a mesma terra ha pouco ainda
Desguarnecida, escura, sêcca e brava,
Toda hostil solidão, charneca infinda!

III

Ao vêr uma tal obra de resgate
Eu, que tão agoirada tinha a vida,
Rojei-me, ao fim de todos, de arrebate,
No chão da milagrosa e branca ermida,

Os tristes vaticinios desfiando
Que em roda do meu berço voejaram
(E todos, todos certos fôram dando
Poucos annos depois que m'os contaram!):

Vôos d'azas nocturnas e preságas,
Uivos de lobos, lámpadas vertidas,
Visões vindas em horas aziagas,
Ameaças nos astros repetidas

E, entre o cortejo vago d'esses medos,
—N'um galho de figueira abandonada—
A apparição d'uma ave, d'olhos quêdos,
E voz mais que a das outras maguada,

D'uma ave singular, nobre e sombria,
Mas pungida de dôr tão crua e brava,
Que a bicadas mortaes, de noite e dia,
O proprio coração dilacerava..

E eu, que vira em promessas transformados
Os agoiros de tanta desventura,
Roguei, por minha vez, á Virgem pura
Que desviasse os meus, ali contados.

IV

Então Essa, que a todos desfizera
N'um só golpe do olhar as negras sinas,
Cerrou de magua as pálpebras divinas,
Pois logo desvendára quem eu era.

E, n'uma voz mais triste do que as harpas,
—«E's o poeta—disse—o *sem ventura*...
Ai! rasga-se-me o peito de amargura
Ao vêr que em vão subiste essas escarpas.

Porque chagaste os pés baldadamente
Por tantos barrocaes de serra e monte,
Porque baldadamente ungiste a fronte
Na agua d'esta limpida nascente.

Todos esses agoiros, por teu mal,
E muitos dos alheios cumprirás;
Pois é destino teu nunca ter paz,
E ser echo da dôr universal.

Não foi, não foi fortuito e vão ruido
Cada nocturna voz em tempo ouvida;
E's d'esses para quem tudo na vida
Do fundo do Possivel traz sentido.

Aquella ave, sombria de plumagem,
Que o proprio coração dilacerava,
Já propheticamente afigurava
D'essa alma torturada a viva imagem.

Em vão teu desencanto me pediste;
Pode mais que meus dons o dom fatal
Que já da mão de Deus era signal,
Antes de me adorar o mundo triste.

Mas se a meus pés tu vens rojar-te em vão,
Quando tantos ergui transfigurados,
(E olhar-te é só sentir no coração
Outros sete punhaes atravessados!)

Que ao menos te minore a sorte dura
Vêr-me por tua sorte aqui chorando,
Vêr meus olhos divinos borbulhando
Pranto vivo de humana creatura.»

N'isto calou-se, branca e soluçante.
E, como se a seus olhos se passasse
A fonte que seccára n'esse instante,
Cobriu se-lhe de lagrimas a face.

E ao vêl-a assim vencida, assim piedosa,
—Sonhei que tudo o mais por mim penava,
Que toda a natureza alli chorava
Pelos olhos da Virgem lacrimosa...

MANOEL DA SILVA GAYO.

Coimbra, maio de 1902.

Sobre a origem e a significação da arte

Desde Platão o «divino», para quem a arte era a expressão da belleza ideal, perfeita, até Tolstoi o «apostolo», para quem o objecto da arte é a união fraternal dos homens, poucos problemas teem sido tão lamentavelmente complicados por paralogismos metaphysicos como este: que é a arte?

... A arte é a belleza. A belleza é a harmonia entre as partes d'um composto e entre aquellas e este. O objecto da belleza, e o da arte portanto, é agradar e excitar .. (Baumgarten).

... O objecto da arte é a bondade. . (Sulzer).

... A arte nada tem com a bondade. Não é nem precisa ser moral. O seu fim é produzir prazer, mormente por via da visão ... (Winckelmann).

... A arte, que o homem percebe por um «sentido interno», é realmente a belleza. A essencia da belleza consiste em dar a percepção da variedade na uniformidade... (Hutcheson).

... A arte é a reunião synthetica das bellezas da natureza... (Pagano).

... A arte é a imitação das bellezas naturaes... (Batteux).

... Alem das «razão pura» e «razão pratica», o homem elabora «raciocinios sem conceitos» e «prazeres sem desejos». Ora é d'esta faculdade que nasce o sentimento esthetico... (Kant).

... A arte é a união do subjectivo com o objectivo, da razão com a natureza, do consciente com o inconsciente... (Schelling).

... A arte é a belleza. A belleza é o que nos dá o prazer maximo. O prazer maximo é ter n'um dado tempo o maior numero d'ideias. Ora o que nos produz em menos tempo mais ideias é certamente a belleza... (Gœthe).

... A arte é... uma coisa indefinivel... (Voltaire e d'Alembert).

Não melhores que estes me parecem os paralogismos celebres de Hegel, Fichte, Schopenhauer, Hartmann, Ruskin e outros sobre o caso.

Acha talhada [face e lado]

O biologo moderno para estudar bem o vivo vae observal-o pelo microscopio nas suas formas, texturas e reacções mais singelas. O psychologo moderno para comprehender com justeza um phenomeno complexo do actual cerebro humano deve ir estudal-o pela palethnologia na simplicidade relativa do seu estado nascente.

Ora o creador da Arte na Europa — da esculptura, da pintura e da gravura, pelo menos — foi o homem prehistorico do quaternario antigo superior.

O longo periodo dos gelos permanentes terminara.

Clima frio, aspero, sempre; mas, pela primeira vez, sêcco, tonico.

Estações annuaes accentuadas.

A Europa vestira-se outra vez d'interminaveis florestas.

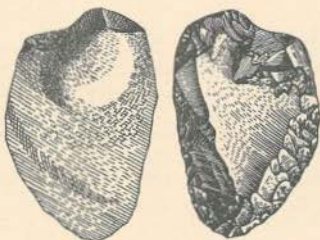
Na fauna avultavam o mammuth, o aurochs, o urus, o cavallo, a renna, o cervo, o urso. O leão, o tigre e o leão-tigre rareavam. E o homem — mammifero bimano e erecto da ordem das primatas, desabrochada de formas pachydermicas no principio dos tempos terciarios; da familia dos anthropoides, differenciada no fim do eoceno; e do genero dos homosimianos, definido no mioceno inferior — destacara-se emfim de vez, aqui, ali, da fauna, principalmente pelo cerebro...

A' velhissima industria da pedra, prologo dos trabalhos d'arte, iniciada pelos homosimianos miocenicos, e á velha apropriação do fogo, prologo de religiões e ritos, que lhe vinha das epocas primeiras do quaternario antigo inferior, juntara uma industria nova, menos tosca e incerta do que a outra, verdadeiramente humana, quasi artistica: a do osso e do corno.

A' simples acha talhada, ao raspador, ao punhal, ás pontas de lança, etc., em pedra mais ou menos trabalhada, do paleolithico inferior, juntára, entre outros artefactos engenhosos, a agulha e o botão, em osso, e as pontas de zagaia e d'arpeu,

em corno, do paleolithico superior.

A agulha sobretudo era para a epoca uma obra prima d'industria, quasi uma verdadeira obra de arte: esquirola fusiforme d'osso longo, boleada a preceito e com amor nas chanfraduras d'um silex dentado; polidura e ponta feitas a pó de pedra escolhido, especial; orificio vasado sabiamente, ora d'um lado, ora do outro, a furador-broca de silex, girante...

O homem tornara-se emfim definitivamente humano.

Raspador (face e dorso)

Ponta de lança (face e lado)

Mas não saciado — eterno insaciavel — com a creação e o apuro geniaes do Utensilio e da Arma, movido por necessidades de ordem psychica novas, poeta, ego-altruista, iniciou a Obra de arte — a fixação plastica ou a notação symbolica de motivos reaes ou imaginados de commoção esthetica, d'esthese.

Punhal em silex

Morosamente, dolorosamente, nos cem mil ou duzentos mil annos do paleolithico inferior e nas luctas formidaveis contra a feras e pela adaptação ao frio, variara muito em tudo e sobretudo no encephalo.

O craneo primitivo, bruto, bestialmente platycephalo, do *homem de Neanderthal* ou do paleolithico inferior transformara-se — aos impulsos repetidos dos centros encephalicos anteriores, violentamente vibrados em labutas victoriosas pela vida: e por adaptações e selecções multimillenarias, accumuladas na especie — no craneo intellectual, trabalhado, magnifico, de fronte elevada e saliente do *homem de Laugerie* ou do paleolithico superior.

Pontas de zagaia em corno de renna.

Agulha em osso

A vida humana passara pouco a pouco, por conquistas successivas e sommadas, da lucta brava e feroz, cheia de perigos e medos, dos homens do chelleano e do mousteireano, á labuta agradavel e folgada, rica d'amor e esthesia, dos homens do solutreano e do magdaleneano.

As cavernas naturaes de habitação eram seguras e commodas. A caça e a pesca diarias — escolas superiores de coragem, dextreza, paciencia e arte — forneciam alimento abundante e creador. O fogo — o lar — nunca extincto á entrada das cavernas, defendia, cosinhava, aquecia, illuminava...

Ponta de arp[ão] em corno de renna.

N'este remanso relativo o homem amansou, observou, comparou, meditou, phantasiou...

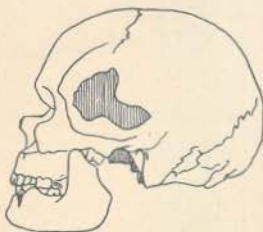
Avolumou-se-lhe a fronte. Deprimiu-se-lhe o occipicio.

O velho rictus facial da fereza antiga na lucta e do rir brutal na victoria determinara lhe hereditariamente uma phisionomia sarcastica e cruel.

Serenou. Tornou-se bello.

Era o artifice-artista delicado, inventivo, paciente, que fabricava o botão, o fio, a agulha.

Craneo de Néanderthal

Vestido de pelles de feras (d'urso, leão, etc.) abatidas em geral n'um intuito de defeza, talvez ás vezes por arte, por sport; armado de clavas, punhaes, lanças, zagaias, tinha ainda tempo e já gosto para se adornar profusamente: amava os pendentes: dentes de leão, urso, lobo, renna, cavallo, urus, aurochs etc., furados na raiz, que suspendia ao pescoço (tropheus de caça? amuletos?); as conchas bellas e raras: do *Cyprea lurida, Cyprea pyrum, Cyprea rufa, Nassa gibbolusa* e *Paludina lenta*, que prendia á fronte, aos braços, ás pernas

Craneo [d]e Laugerie-Basse

Botão em osso (tamanho natural)

e aos pés, etc. E pintava-se (a cara, o peito e os braços? como certos selvagens actuaes) de vermelho, com peroxydo de ferro hydratado, moido (com medullas osseas?) em gral de granito ou quartzite.

Vivia em pequenas tribus.

Na piugada d'animaes migrantes, da renna sobretudo, viajava—no inverno para o Sul, no verão para o Norte, em geral.

Novas terras. Outras tribus. Batalhou. Fraternisou. Trocou coisas: adornos, ideias... Entrara em civilisação.

Canino de cervideo com furo de suspensão.

Infatigavel corredor, matava ás vezes a presa, d'ordinario uma renna ou um cavallo, muitas vezes um boi ou um bisão, a distancias consideraveis das habitações temporarias; esquartejava-a com arte, talvez com superstição; e conduzia á caverna apenas certos bocados: cabeça, espaduas, coxas, talvez uma ou outra viscera.

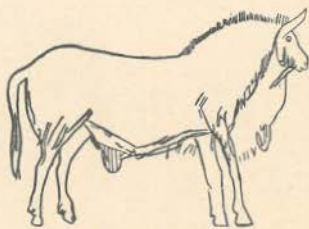
Gral de granito

De velha data as femeas vinham sendo menos bravas e fortes do que os machos. A prenhez, a lactação, os filhos tenros, a conservação do fogo, talvez um alvorecer de caridade e carinho com os doentes e os velhos, tinham-as feito sedentarias, relativamente delicadas, naturalmente amoraveis...

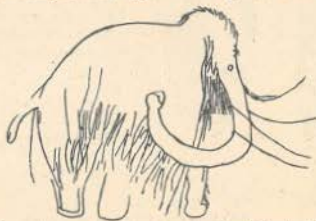
Os machos pois quando chegavam ao cahir da noite ás cavernas, portadores de carnes e tropheus, excitados pela ausencia e pela caça, e abstemios de amor, amavam, geravam, ardentes, em coitos bravos e nobres de animaes em que um nascer de pudor na femea — na mulher—talvez já punha uma nota humana de recato, d'arte...

Cavallo, gravura em pedra

....

E contavam, é de suppôr, sentados nas pedras veneraveis, dispostas em volta do lar, as coisas impressivas e estheticas do dia: a queda em curva d'uma renna ferida, a fuga elegante d'um cavallo, a defeza magnifica d'um urus, a investida formidavel d'um aurochs, a attitude magestosa d'um mammuth, emquanto os lactantes robustos e pelludos sugavam seios tumidos e morenos, as velhas graves e attentas assavam postas de carne, os velhos levemente desdenhosos recordavam scismadores e presbytas caçadas estupendas do passado, e as jovens (seios a arfar) se embalavam (almas em fogo) em sonhos e miragens do porvir...

Bovideo de crina, gravura em pedra

Ora foi por este tempo — ha mais de vinte mil annos (suppõem palethnologos) — que o homem europeu creou a Arte.

O cortex humano, longamente vibrado por sensações e ideias mais e mais differenciadas, longamente enriquecido por poderes reflexos mais e mais complicados, appetecera o goso, o estimulo, de mais e mais variados e extensos meios de projecção externa.

Mammuth gravado nas paredes da gruta de Cambarelles

Uma funcção especialisada da larynge dera-lhe, certamente por evolução lenta e penosa, o poder humano e estranho da palavra. Do grito bruto, indifferenciado, vago, dos anthropoides e homosimianos terciarios, que estaria para as actuaes linguas cultas como um protozoario para um vertebrado, chegara, por accumuladas conquistas millenarias certamente, á posse da voz articulada. Mas a lingua — decerto imperfeita e hesitante, d'um monosyllabismo ou d'uma agglutinação rudimentar — do homem do paleolithico superior da Europa não

Renna em fuga, gravura em pedra

satisfazia, é bem de crer, as necessidades d'exteriorisação d'um cerebro que, por condições extrinsecas e intrinsecas—d'acções do meio e reacções do orgão—eminentemente favoraveis, vinha em rapida e intensa evolução. Era pois o gesto, a mimica, velha, primitiva maneira de *linguagem* (assim dizem e escrevem linguistas), que, combinado com o verbo, ia facultando ao homem a estimulante e progressiva relacionação psychica com o homem.

Mas o gesto e o verbo eram actos tão fugazes, tão precarios, tão caducos, tão facilmente alterados, tão velozmente esquecidos!

E o homem do solutreano e mormente o do magdaleneano, ao voltar das caçadas ufano e amoroso, rico d'imagens corticaes e residuos emotivos, ardia no desejo creador, *esthetico*, de communicar—por coisa mais *impressiva e fixada* do que o gesto e o verbo—á tribu—á femea, á mulher, sobretudo—o que na mente, commovida e poetica, sentia. .

Foi então que um genio da epoca—mais extraordinario sem duvida do que Phidias, Miguel Angelo e Rodin—creou a esculptura na Europa: fixou na pedra e no osso, e talvez antes em madeira, a imagem do Animal e a sua propria imagem!...

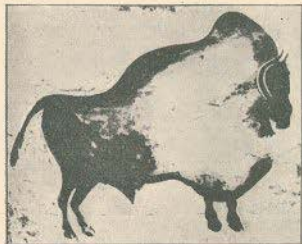
Cervideo em pedra

Fragmento de estatua de mulher em marfim

Depois, n'um inicio interessante e natural de simplificação e convenção artisticas, foi creada a pintura a ocras e a carvão nas paredes e nos tectos das cavernas.

E emfim, n'um progredir de simplificação e convenção que se approximava já da symbolisação, ainda todavia artistica, foi iniciada a gravura, em pedra, osso e corno.

◉

Toda esta arte—encantadora pela ingenuidade—era sentida, sincera, conforme o Artista, segundo a Natureza. Póde e deve portanto, melhor que qualquer outra, documentar e illustrar qualquer estudo sobre a origem e a significação da Arte.

Aurochs pintado pelo homem primitivo

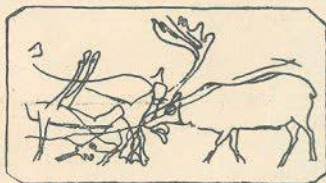
Renuas pintadas pelo homem primitivo

Que é pois, em vista d'ella, a Arte?

E' a Belleza?

E' a Verdade?

Nem uma coisa nem a outra, bem que a Verdade e a Belleza, suppondo que este ultimo termo é passivel d'um sentido positivo, sejam valores consideraveis na genesis da Obra d'arte.

A Arte nasceu do desejo e do prazer, em certa phase da evolução do cerebro, de plastisar ou symbolisar no mundo externo motivos d'estados cerebro-espinaes—d'estados d'alma—de caracter passional e creador.

Renuas gravadas em pedra

Equideos gravados em os-o

E' pois: um estado nervoso, como origem; e uma exteriorisação communicativa d'actos reflexos poeticos, como realisação.

O fim de toda a obra d'arte, nascido d'um goso esthenico de fundo ego-altruista, é reproduzir no auctor d'ella, e produzir no ambiente, estados d'alma do genero dos que dão a Obra d'arte.

Tal deve ser talvez a concepção scientifica, psychologica, da Arte.

JOSÉ DE LACERDA.

Bode montez gravado em corno de renna

CONTINUADO DO N.º 32

D.r José Teixeira Gomes
Regenerador-liberal

Henrique Mo[..] Cysneiros Ferreira
Regenerador-liberal

Jo[sé] Franco Pereira de Mattos
Regenerador-liberal

D. Antonio Vaz de Macedo
Regenerador-liberal

Francisco Albert M. de Sommer
Regenerador-liberal

Dr. Clemente Pinto
Regenerador

João d[e] Correia B. Castello Branco
Regenerador

Dr. Ad[olpho] Magalhães da Fonseca Costa e Silva
Regener.or-liberal

Salvador Brum do Canto
Regenerador-liberal

Antonio Soares Franco Junior
Regenerador-liberal

Conselheiro Anselmo d'Andrade
Regenerador

José Lages Perestrello de Vasconcellos
Independente

Conselheiro José Cabral Correia do Amaral
Progressista

Conde de Castro e Solla
Regenerador

Thomaz Pizarro de Mello Sampaio
Regenerador-liberal

(*Continua*)

ROSAS NO OUTONO

(AO ARNALDO FONSECA)

Meu caro amigo.

«O promettido é devido», diz o dictado, e eu não quero tornar a observação popular menos precisa e verdadeira.

Prometti-te rosas bellas em setembro; ellas ahi vão, e assim verás que me não esqueci da promessa feita e que te julgo bem digno d'ellas, o que aliás, a meu vêr, acontece a bem pouca gente.

Não vejas n'esta ultima parte da minha phrase intenção de pessimismo ou de avareza, que uma e outra não possuo, mas uma simples expansão de protesto que me afflora á mente sempre que penso no pouco respeito e consideração que, em percentagem desgraçadamente grande, se observa a miudo, no nosso meio.

É vulgar, é de uso correntio, ouvir dizer que se gosta immenso de flôres. A uma unica pessoa—essa ao menos com a coragem do seu modo de sentir—eu ouvi que lhe eram indifferentes as flôres.

O curioso, porém, é que a despeito do que diz, a maioria de tal fórma maltrata uma flôr, uma vez na sua posse, que difficilmente se pode coadunar o seu modo de proceder com a sua primitiva affirmação. Mais uma—para juntar a tantas—manifestação da hypocrisia humana.

E se não acompanha-me por um momento, e ouve e vê um casal admirador de rosas, enfrentando alguem que pelo seu bom gosto ou mania pela cultura da rosa o publico tenha consagrado.

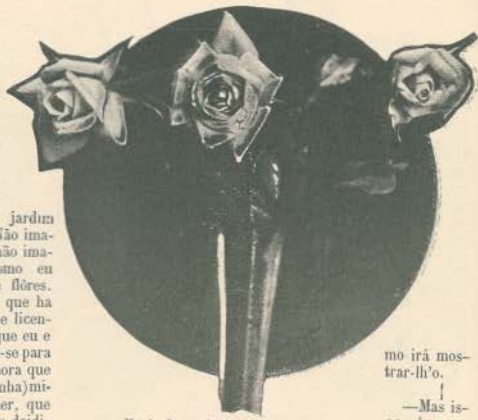
Prologo:

—Oh! meu caro amigo. Quanta alegria! Sabe... ouvi no outro dia dizer a F. que você tem lindissimas rosas, que cultiva com verdadeiro esmero. E, realmente, as que eu vi eram extraordinarias. Que belleza! Quem me dera ter um jardim assim. Não imagina .. não imagina como eu gosto de flôres. E tanto que ha de dar-me licença para que eu e (voltando-se para uma senhora que o acompanha) minha mulher, que é tambem doidinha por flôres, vamos vêr o seu rosal. Minha mulher então... não pode calcular a que ponto chega a sua mania... pois se ella, á falta de jardim, tem as janellas e a casa cheias de vasos...

N.º 7—*General Gallieni*

Protestos da esposa... que não faça caso, que é exagero, etc. E o marido que quer á força convencer-nos da sua paixão floricola e da da esposa...

—Sim, não imagina, ella cultiva violetas, mas das cheirosas, d'uma variedade que ella descobriu n'um passeio que demos aos arredores de Lisboa, malvarosas, mangericos, etc. É doidinha... doidinha mesmo...

E o pobre do floricultor, morto porque acabe a conversa... que sim... que o jardim está ás suas ordens. Com muito gosto elle mesmo irá mostrar-lh'o.

N.º 4—*Souvenir de Pierre Notting*

—Mas isso é uma massada, basta ordem ao seu caseiro, um bilhete seu.

—Oh! não, isso nunca, eu proprio irei, mesmo porque quero dar-lhe algumas rosas e o jardineiro tem ordem de as não dar seja a quem fôr.

Calculas, meu caro amigo, que o desgraçado espontaneamente se sujeitava a aturar a massada só para defender o seu rosal, que tantos sacrificios e trabalhos lhe custára, do vandalismo da familia *Mangericão*, deixa-me que assim lhe chame.

1.º acto: Chega o dia marcado.

Entrada solemne no santuario, disposto o par *Mangericão* a postar, reverente, ambos os joelhos em terra perante as suas tão adoradas flôres.

E entram e... agora os verás. Um e outro anciosos, procurando encontrar materia para demonstrarem a sua admiração...

— ... Sim, senhor... (fala elle) bem me diziam que o senhor tem muito bom gosto.. Sim, senhor... Olha, olha filha (volta-se para a esposa) como estão bem esticados estes arames... e que certos! É para parreira, não é? Deve ficar muito bonita. Liga assim o util ao agradavel... tem graça... uvas n'um jardim!

Havia effectivamente arames esticados, mas para amparo de roseiras, que já n'esta epoca se espreguiçavam por sobre elles formando duas lindissimas latadas, que, ao mesmo tempo que ornavam as ruas, serviam de abrigo ás outras roseiras encanteiradas.

O par *Mangericão*, porém, tão avido de rosas, não via as que lhe estavam perto, ou talvez não comprehendesse latadas que não dessem uvas.

A visita ao rosal prosegue. Os *Mangericão* não querem perder um unico exemplar, cujo nome tem de ser repetido mil vezes a fim de ser comprehendido. . e nem assim... razão porque, elle para ella, sentenciosamente:

—Estes senhores floricultores sempre arranjam cada nome... Sim, no meu tempo tambem havia rosas, mas eram... bonitas ou feias... e nada mais. Agora é isto que se vê.

E o casal avançando, avançando sempre, a miudo perguntando nomes que não ouve, e de que mesmo pouco se importa. E o desgraçado floricultor só n'essa occasião sente que a sua collecção não seja bem pequena, para mais depressa se lhe acabar o martyrio.

No emtanto, com paciencia evangelica, explica e mostra sempre, lembrando-se que d'aquella visita alguma impressão deixará n'aquelles cerebros, em favor da sua propaganda pela rosa.

Baldado esforço, porém, pois que o amor pela flôr precisa, salvos os casos de espontaneidade, que felizmente não são raros no nosso paiz, de ser incutido no animo de cada um desde a sua infancia, e como sabes nenhum ou poucos paes se *incommodariam* em despertar no intimo dos filhos o gosto pela flôr. Para que? Que poderia isso influir no bom futuro d'elles?

Ineptos!

Acaba, porém, meu bom amigo de seguir o casal *Mangericão* e assiste portanto principalmente á sua partida, ajoujada a parelha ao peso de ramos em que por sua vontade teriam reunido todas as bellezas do rosal, na ancia estupida de anniquilar, e só pelo prazer de anniquilar, Trepoffs de roseiras!

—Obrigado... muito obrigado. Creia que nunca esquecerei as deliciosas horas passadas no seu rosal. É verdade, não é (para ella), que jámais as esquecerás?

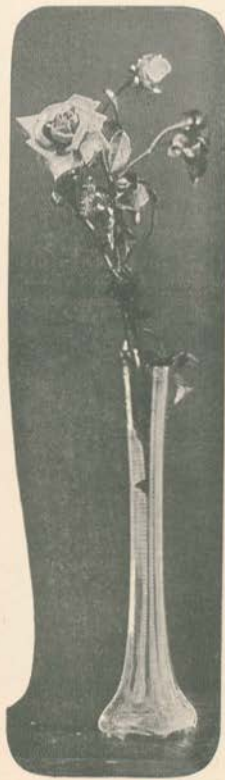
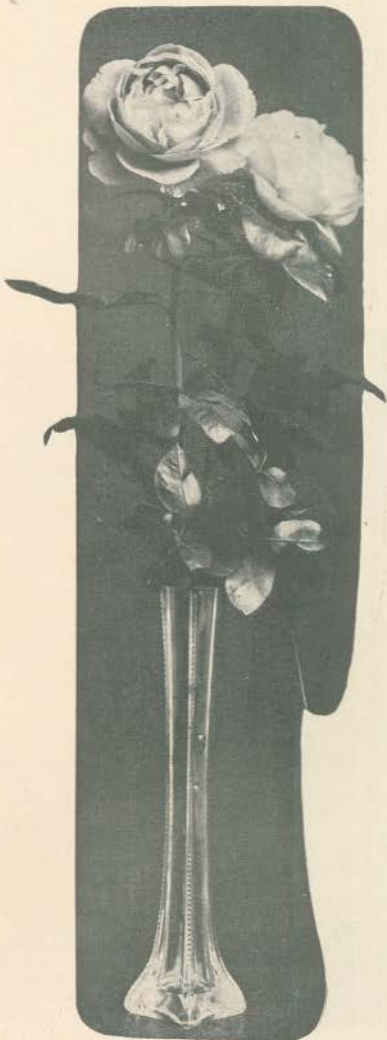
—Oh! de certo... e estas queridas rosas, como e por quantos dias as vou conservar... que eu sou doida por flôres, não imagina... tenho a paciencia de todos os dias lhes cortar os pés...

E ambos se dirigem para o trem em que tinham vindo e... Oh! ceus! arripiam-se-me ainda os cabellos ao lembral-o... os pobres ramos (chamemos-lhe antes desgraçados por terem cahido em tão selvagens mãos) são atirados para sobre o banco como mercadoria inutil e insusceptivel de avaria, e ella entrando no trem e sentando-se em cima d'elles continua as suas despedidas, em côro com o marido.

O cocheiro fustiga os cavallos, o trem vae partir, mas... *elle* lembra-se dos ramos e pergunta:

—Os ramos?...

Ella—Ah! estão aqui (levantando-se), não reparámos

N.º 5 — *Soleil d'Or*

N.º 3 — *Mamã Cochet* [flôr branca]

N.º 8—*Paul Neyron*

ao entrar... mas não faz mal, em chegando a casa vão para dentro d'agua e ficam como novas...

Pobres rosas! quantos milhares de vezes assim sois sacrificadas á vaidade, hypocrisia e estupidez do genero humano!

Nem todos, porém, são como o casal de que acima te falo.

Ha no nosso paiz verdadeiros fanaticos pelas rosas... alguns mesmo tão extraordinariamente fanaticos que tudo lhes sacrificam.

Alguns conheces de nome, e outros, por certo, pelos magnificos exemplares que apresentam.

Estão n'esse caso (em Lisboa) as sr.as duqueza de Palmella, D. Maria de Mello Ficalho, Paulo Plantier, o decano dos colleccionadores portuguezes; Henry Cayeux, Thiago Delgado, Alberto Nascimento Lopes, Fernando Silva, J. da Costa Carneiro, Jorge d'Almeida Lima, etc.

Agora, porém, que elles partiram, dedica tu, que com a tua generosa alma de artista amas as rosas, um momento da tua attenção a observar as que te mando.

Comecemos pela que leva a etiqueta n.º 1. Chama-se *Annie Wood*, hybrida remontante, obtida por E. Verdier em 1867.

É na verdade perfeita n'esta epoca, apesar de na primeira floração se apresentar maior e mais plena.

De aroma delicioso, e côr vermelho claro, pena é que não tenha o pedunculo bem erecto, o que lhe augmentaria extraordinariamente o valor.

N.º 1—*Annie Wood*

O porte da planta é bello e extremamente vigoroso prestando-se a diversas applicações, taes como formações de massiços e pyramides, ornamentação de columnas. Esplendida roseira para cultura forçada, cultura em vaso e floração outomnal.

Nos n.os 2 e 10 encontrarás flôres de *Her Majesty*, obtida por cruzamento entre *Mabel Morisson* e *Canari* por Bennet em 1886. É uma das mais bellas entre as grandes rosas. A planta extremamente rustica é extraordinariamente vigorosa e robusta. A lenha coberta de enormes aculeos tem um aspecto *sui generis*.

O tom carneo assetinado brilhante das petalas é difficilmente egualado em qualquer outra rosa, o que lhe acontece tambem sob o ponto de vista da disposição imbricada das petalas. Floresce muito bem no outomno.

Apesar de muito bella a *Her Majesty* que acabas de vêr, estou certo que não deixarás de admirar o bello botão do n.º 6, onde a disposição original das suas petalas difficilmente deixará ajuizar do que é a rosa completamente aberta (n.º 3 e 9). Pena tenho de não poder enviar-te exemplar mais aberto para melhor a apreciares. Outro dia será, e não longe, prometto.

No n.º 4 encontrarás tres bellos botões de *Souvenir de Pierre Notting*.

Repara-lhe na fórma alongada e graciosa e na côr amarello adamascado, lavado de amarello d'ouro, misturado com amarello alaranjado, petalas debroadas de rosa acarminado (linguagem esta copiada da do obtentor, que traduz exactamente os tons observados).

Esta roseira foi obtida por cruzamento entre a *Marechal Niel* e a *Souvenir de La Malmaison*, em 1903. A planta é extraordinariamente florifera e muito vigorosa, prestando-se muito bem á cultura forçada.

No n.º 5 terás uma *Soleil d'Or*, obtida por Jos. Bernet-Ducher em 1900 do cruzamento da *Persian Yellow* com a *Antoine Ducher*. É a rosa que, dentro do grupo dos amarellos, apresenta tons mais curiosos, variando desde os amarello d'ouro alaranjado ao amarello d'ouro avermelhado, com *nuances* de rosa *capucine*.

Flôr grande, muito plena, globulosa, apresentando as petalas centraes em pregas.

N.º 2—*Her Majesty*

N.º 9—*Mamã Cochet*—flôr branca [aberta]

N.º 6—*Mamã Cochet* — flôr branca [botão]

N.º 19—*Her Majesty*

O botão que te mando, por não ter rosa aberta, é conico.

Não acontece com esta rosa o mesmo que com a maioria das rosas de coloridos delicados. Esta resiste muito bem á acção da luz directa do sol.

A coloração é só ligeiramente mais carregada n'estas circumstancias.

O n.º 7 uma *General Galliens*, rosa chá obtida por Nabonnand, em 1899, do cruzamento de *Souvenir de Thereze Levet* com *Reine Emma des Pays Bas.*

O colorido vermelho *ponceau*, tinto de sangue, dourado ao centro, torna-a extremamente curiosa.

A roseira é extremamente vigorosa e florifera. Ha como principal qualidade n'esta rosa, além das suas propriedades estheticas, a de ter petalas muito resistentes á acção de violencias exteriores, o que a torna admiravel para flôr cortada. Dá hybridos interessantes, e d'um, obtido pelo sr. Fernando Silva, tenho conhecimento que é um bello producto, com logar de futuro nas collecções.

Chega a vez á velha e muito conhecida *Paul Neyron* n.º 8, filha do cruzamento feito por Levet, em 1870, entre *Victor Verdier* e *Anna Diesbach*. Foi dedicada pelo obtentor a um seu amigo estudante de medicina em Lyon e que depois, em 1872, veiu a morrer na guerra franco-allemã. É talvez a maior rosa conhecida, chegando a obter-se verdadeiros monstros, o que a torna apreciada por muita gente. Pela minha parte detesto-a, e só agora, quando as suas flôres são mais pequenas e o colorido mais quente, eu a posso tolerar. Na primavera, sempre que a encaro, deixo de me sentir n'um jardim ou perante uma flôr, parece-me que o que vejo é uma couve lombarda ou um repolho...

Não posso, porém, deixar de admirar as suas bellas qualidades, principalmente de rusticidade e productividade.

Ahi tens, meu amigo, muito á ligeira, uma descripção dos caracteres e aptidões das roseiras cujas flôres te mando.

Se essas indicações te puderem servir, utilisa-as.

Senão... limita-te a aproveitar as rosas e beija-as... beija-as como beijarias mulheres bonitas.

Mas... como com bonitas mulheres... tem cuidado com os aculeos!

AMOR DE MELLO.

ASPECTOS DA FESTA ORGANISADA NO LUSO PELOS SRS. RAOUL BAYART, DR. LUCIO ABRANCHES, DR. EDUARDO AUGUSTO VIEIRA, JOSÉ DUARTE DE FIGUEIREDO E ERNESTO NAVARRO

(Clichés do sr. Emilio Cachelièvre)

ARMORIAL PORTUGUEZ

POR

H. C. AMADO

Arriscado

Arriscado. Em campo vermelho, um quadrado de oiro, a cujas pontas se ligam as pontas de outros quadrados mais pequenos e do mesmo metal; todos postos em fórma de losangos, formando os cinco uma cruz grega.

Atouguia

Atouguia. Em campo vermelho, uma cruz chã firmada e bordodura de oiro, e em cada um dos vãos uma flôr de liz do mesmo metal.

Timbre: um leão vermelho, nascente e armado de oiro.

Ataide

Ataide. Em campo azul, quatro bandas de prata.

Timbre: uma onça azul, bordada de prata, em acção de saltar.

Avellar

Avellar. Em campo de oiro, tres faxas sanguinhos, carregadas cada uma de tres estrellas de prata.

Timbre: tres espadas de prata, com as guarnições de oiro e punhos vermelhos, fincados com as pontas no elmo e postos em roquete.

Tres grandes amigos

OS SRS. BARBOSA COLEN, DIRECTOR D'«AS NOVIDADES», O SR. CONSELHEIRO JOSÉ MARIA D'ALPOIM, PAR DO REINO, MINISTRO DE ESTADO HONORARIO E CHEFE DA DISSIDENCIA PROGRESSISTA, E O SR. MOREIRA D'ALMEIDA, DIRECTOR D'«O DIA» E DEPUTADO CHEGAM A S. BENTO PARA ASSISTIR Á MEMORAVEL SESSÃO DO DIA 3 NA CAMARA DOS DEPUTADOS

Os republicanos em S. Bento

O SR. CONSELHEIRO BERNARDINO MACHADO, MINISTRO DE ESTADO HONORARIO E UM DOS CHEFES DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ, CHEGA A S. BENTO AO MESMO TEMPO QUE O SR. DR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA, DEPUTADO REPUBLICANO POR LISBOA, PARA ASSISTIR Á PRIMEIRA SESSÃO DA CAMARA DOS DEPUTADOS

A CHEGADA DO SR. MINISTRO DOS ESTRANGEIROS A S. BENTO

A Eloquencia.. do Chapéo

I—O SR. CONSELHEIRO JOÃO FRANCO, PRESIDENTE DO CONSELHO, APEANDO-SE DA CARRUAGEM EM S. BENTO PARA ASSISTIR Á SESSÃO NA CAMARA DOS PARES

II—O SR. CONSELHEIRO HINTZE RIBEIRO, CHEFE DO PARTIDO REGENERADOR, APEANDO-SE DA CARRUAGEM EM S. BENTO PARA ASSISTIR Á MESMA SESSÃO NA CAMARA DOS PARES

A CHEGADA DO SR. MARQUEZ DE SOVERAL A S. BENTO

(Clichés Benoliel)

As ultimas tecedeiras

Os homens que a estas horas se estão creando mal comprehenderão um dia, quando a lerem, a famosa passagem da Odyssêa, em que a fiel Penelope desfaz de noite a teia que de dia teceu, para retardar o cumprimento da promessa que deixaria êrmo o leito de Ulysses, o heroe astucioso, partido para o cêrco de Troia.

Que mister entre fabuloso e poetico não parecerá o da tecedeira aos homens cada vez mais praticos de ámanhã, educados entre as vertiginosas precipitações de uma civilisação, que poz os elementos ao serviço de todas as imperiosas necessidades da vida moderna! Que uma mulher ignorante se lembre de luctar com a fabrica: essa complicada maravilha de mechanica, orgulho de um seculo, eis o que não deixará de parecer surprehendente e quasi inverosimil ao homem orgulhoso, que as mães do principio do seculo XX estão creando para os espantosos triumphos ou para as temerosas iniquidades do futuro. E que idéa farão esses homens de uma provincia de Portugal onde, a despeito da concorrencia encarniçada da fabrica, a mulher continuou fiando e tecendo, apegada á millenaria tradição domestica, sacrificando-se por ella, mantendo no lar a machina primitiva em que Penelope urdiu a sua teia memoravel!

Ha cincoenta annos o tear era ainda no Minho, principalmente no baixo Minho, regado de aguas abundantes, de pequenos valles humidos, propicios á sementeira do linho, o competidor do arado, a alfaia domestica cuja guarda estava commettida á mulher. O linho era uma industria agricola caracterisadamente feminil, industria florescente e de uma importancia consideravel. Detida no lar, a mulher do lavrador fiava e tecia. Não competia com o homem no trabalho rude da lavoura. Raro pegava no sacho. Os homens mourejavam na terra e as mulheres no tear. Mas um dia a primeira fabrica de tecelagem sujou o azul limpido do céu com o seu fumo. O lar minhoto ia ter n'ella um inimigo destruidor e implacavel. A principio, ainda sem a consciencia do perigo, o lavrador continuou a semear o linho e a mulher a tecel-o. Mas depressa a fabrica desenganou-os.

A's portas dos lares, na casa terrea com janello para a estrada, a tecedeira foi aos poucos desapparecendo. O exodo da mulher para os campos principiou. E essa inesperada concorrencia, por sua vez deixou o moço de lavoura sem trabalho, fez d'elle um emigrante. Já o lavrador não semeava o linho. Já a mulher não o fiava e tecia.

Para que alguns capitalistas obtivessem maiores rendas, a ferida emigratoria verteu do flanco da patria anemica de energias mais algumas ondas de sangue; nos casaes pobres de uma provincia entrou quasi a mingua; a vida domestica de milhares de lares perturbou-se; uma florescente industria agricola extinguiu-se!

◉

Apenas se alguns velhos caseiros minhotos se obstinam ainda hoje a lançar á terra a semente do linho, n'um gesto machinal, herdado e mantido atravez gerações innumeraveis. Mas não é já á cultura compensadora de outr'ora, senão á quasi platonica perpetuação de um rito agricola, supersticiosamente respeitado, que o lavrador sacrifica uma leira de terra de *lima*, para que não falte ás moças a festa da *espadellada* e para que no seu bragal não falte a camisa pregueada, alva e fresca, que todas as suas avós, desde tempos immemoriaes, usaram e romperam no corpo, desde a noute de nupcias até á hora da morte.

Quando, em breve, esses derradeiros obstinados, mantenedores da tradição familiar, tiverem morrido, quando a fabrica, como uma aranha cupida, trouxer para a sua teia as ultimas tecedeiras de uma legião dizimada, o tear manual não será mais do que um instrumento barbaro de museu, que irá fazer companhia á velha charrua latina e para que os nossos filhos olharão com uma curiosidade compassiva.

N'esse dia tambem o decorati-

vo vestuario da lavradeira minhôta acabará por perder o resto do caracter original que ainda mantem.

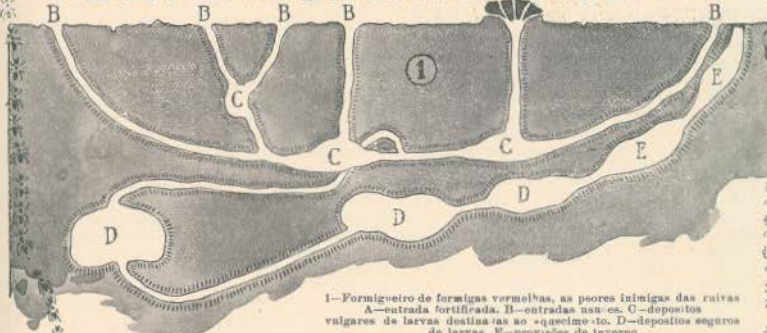
Entretanto, se havia uma industria moralmente sagrada e economicamente perfeita era a da cultura, fiação e tecelagem do linho. O cultivador era simultaneamente industrial e consumidor. A familia pobre, que não póde alimentar braços inuteis, tinha no tear uma occupação lucrativa para a mulher. Com o arado, a grade, a charrua e a enchada, o tear era, no Minho, o utensilio de toda a familia de lavradores. Esse tear, cujo modelo remontava ao patrimonio dos primeiros povos conquistadores da peninsula, mantinha a sua barbaridade primitiva. Qualquer o construia, abatendo um pinheiro ou um carvalho. O ferreiro fazia os eixos de ferro do *orgão*. O lavrador apparelhava a madeira. Para vestir o Minho não era preciso importar fardos de algodão, carvão e machinismos. N'essas machinas productivas e laboriosas, os pés da mulher substituiam os motores. A teia de linho, que esse tear barbaro tecia, durava a vida de uma ou duas gerações. Hoje, o linho de que se vestiam os pobres é um luxo quasi exclusivo dos ricos. Despindo a camisa de linho á garrida moça minhota, a fabrica deu-lhe a camisa de algodão. Depois de a ter prejudicado nos seus haveres, expoliou-a dos seus adornos. E não satisfeita ainda, a fabrica corrompeu a tecedeira. Fez d'ella a operaria. Arrancou-a do lar e desmoralisou-a.

Ha trinta annos ainda, a industria domestica da tecelagem constituia uma profissão hereditaria. A mulher ia para o tear mal lh'o consentia a estatura. Nascia tecedeira, casava tecedeira. Era um mister que se transmittia de geração em geração. O tear representava o melhor dote da mulher. Vivendo em casa, sob os olhares vigilantes da mãe, no seio protector da familia, a tecedeira era, como a abe-

lha, um symbolo laborioso. Levantava-se antes do sol e serandava para produzir as duas ou tres varas de linho, que hoje lhe são pagas a 50 réis, quando a fabrica dá á operaria, sem exigencias de madrugadas e serões, 300 réis por dia de trabalho.

E' assim apenas nas aldeias longinquas dos grandes povoados que os derradeiros teares ainda trabalham, retendo no lar, apegadas á familia, sob a sua vigilancia amoravel, as derradeiras sobreviventes da dynastia domestica das tecedeiras. São quasi reliquias que merecem ser vistas. O viajante que, alta noite, na estrada, ao passar diante de um casebre minhôto, ouvir bater um tear e cantar uma mulher, não perderá o seu tempo descendo do carro ou apeando do cavallo. Batendo á porta do casebre, verá n'um pequeno compartimento terreo, coberto de telha vã, á luz fumarenta de uma candeia suspensa da trave, uma rapariga em mangas de camisa, sentada ao tear, calcando compassadamente com os pés descalços as *premedeiras* e agitando com a mão direita os fios que fazem girar n'um tic-tac monotono a *cannella* branca. Em volta, da tecedeira, a mãe e as irmãs mais novas fiam, dobam ou enchem as *cannellas*, collaborando assim toda a familia na obra de uma mulher, que heroicamente, alegremente, trabalha dezoito horas por dia para ganhar a exhorbitancia de nove vintens!

F. NEVES PEREIRA.

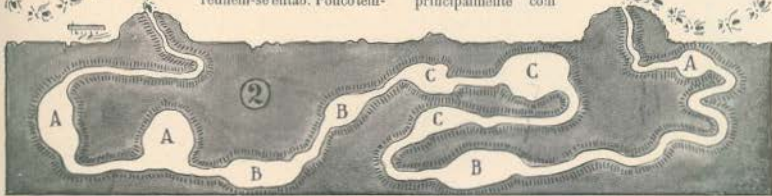
MEIA HORA DEBAIXO DA TERRA

1—Formigueiro de formigas vermelhas, as peores inimigas das ruivas A—entrada fortificada. B—entradas usuaes. C—depositos vulgares de larvas destinadas ao aquecimento. D—depositos seguros de larvas. E—provisões de inverno

Uma organisação notavel ◎ A assistencia n'uma familia trabalhadora ◎ A intelligencia e o tacto da formiga ◎ A sua organisação militar ◎ Recenseamento para a guerra ◎ A defesa ◎ O ataque ◎ No campo de batalha ◎ Uma brecha ◎ Provisões de bocca saqueadas ◎ As prisioneiras de guerra ◎ A escravidão das prisioneiras ◎ A importancia das formigas ◎ As donas de casa temem as formigas e são os seus maiores inimigos

N'outros tempos, em que a vingança era um prazer que teve primazias de moda, mas que não sabiamos cultivar, e quando gostavamos da exemplificação pratica da sciencia, fomos muitas vezes juntar duas variedades de formigas para observar o que se passava. Atraz d'essa experiencia vinha outra, e a mais commum de todas era destruir um formigueiro, para vermos a confusão que por lá ia.

O assumpto, parece-nos, é excellente para entreter a curiosidade dos leitores e, ainda mais, das leitoras.

As formigas, como as abelhas, apresentam em cada variedade tres especies de individuos: os machos que são os mais pequenos, as femeas maiores, e as neutras ou obreiras, que não teem azas e parecem ser femeas abortadas. Quando chega a epoca da fecundação, que ordinariamente se pratica no tempo calmo e quente, os machos e as femeas saem do formigueiro e elevam-se nos ares. Nos paizes quentes, a sua quantidade chega a ser tão grande, que estes insectos formam uma nuvem que intercepta os raios do sol. Os dois sexos reunem-se então. Pouco tempo depois, os machos morrem e as femeas, fecundadas para toda a vida, entram no formigueiro, d'onde nunca mais saem. Após a sua entrada, arrancam as azas, quando não são as obreiras que se encarregam d'este serviço. As obreiras recolhem as femeas que veem fecundadas, levam-as para os sitios mais profundos da habitação, para as livrarem do perigo, e prodigalisam-lhes os mais assiduos cuidados. Teem-as á vista, acompanham-as para toda a parte, passeiam-as no formigueiro, e só lhes dão alguma liberdade proximo á postura.

Quando chega esta occasião, uma obreira agarra-se á barriga da femea, prompta a colher os ovos e a reunil-os em monte. Estes ovos são redondos, brancos e muito pequenos. Passados quinze dias, saem as larvas. Estas larvas, a que vulgarmente se chama *ovos*, são vermiformes e conicas; o corpo é branco e d'uma transparencia perfeita; distingue-se uma cabeça e anneis, mas nenhum appendice articulado ou vestigio de patas. As obreiras occupam-se constantemente d'estas larvas; algumas parece guardarem-as, como que para as preservar contra qualquer ataque. Outras andam por fóra do formigueiro. Logo que o sol nasce, entram immediatamente para avisar as que estão no interior. Então as obreiras carregam com as larvas, ás vezes com muita difficuldade, principalmente com

2—Ninho das formigas cinzentas, escuras e mineiras, que são vulgarmente atacadas pelas ruivas, vermelhas e amazonas, devido á pouca defeza dos depositos de provisões e das larvas
A—falsos depositos—B—depositos de provisões—C—depositos de larvas

as larvas das femeas, que, sendo maiores do que as outras, custam a passar pelos estreitos corredores da habitação. Depositam-as então á entrada, para as sujeitar á influencia dos raios solares, mas, não as deixam muito tempo expostas á acção directa d'um calor muito forte. Tiram-as para as metter em sitios pouco profundos e sufficientemente quentes. Nas occasiões de perigo, por exemplo quando uma causa exterior vem agitar o formigueiro, vêem-se as obreiras activamente consagradas em salvar as larvas. Nada as distrahe d'este cuidado. Já se teem visto obreiras, cortadas ao meio, transportarem ainda um grande numero de larvas, antes de darem signaes de dôr ou succumbir. As que se não occupam no salvamento indagam a causa da desordem, atiram-se aos inimigos, mordem-os vivamente, e só os largam quando caem mortas ou esgotadas de fadiga.

Formiga vermelha—(femea)

Quando chega a occasião, as obreiras levam a alimentação ás larvas. Não se sabe ainda ao certo, se, como entre as abelhas, as larvas destinadas a ficarem femeas recebem uma alimentação differente da que se dá ás larvas de que devem sair as neutras, mas julga-se pela analogia, e explica-se assim o desenvolvimento completo dos orgãos femeos e o augmento muito mais consideravel do corpo do individuo. Esta ultima condição é favorecida pela maior dimensão das cellulas. Mas as obreiras não se contentam em dar ás larvas uma temperatura e uma alimentação conveniente; conservam-as tambem n'uma limpeza extrema: limpam-as com as antenas e não lhes deixam no corpo o mais pequeno grão de poeira.

Quando as larvas adquirem todo o seu crescimento, fiam um casulo sedoso, d'um tecido muito cerrado, de fórma oblonga, de côr mais ou menos parda ou amarellada. Soffrem então a transformação para nympha. As nymphas das formigas são primeiramente d'um branco puro; mas mudam successivamente de côr; passam depressa para o amarello pallido, depois para o ruivo, depois tornam-se amarellas, e emfim quasi negras. Estas nymphas, ao principio, são muito molles e envolvidas por uma pelle branca e transparente, que se parece com uma pellicula. A medida que a nympha se fortifica e adquire consistencia, esta pelle, que parece estar cheia d'uma materia fluida, colla-se e applica-se ás differentes partes do animal, e então distinguem-se muito bem todos os orgãos do insecto que devem sahir d'este envolucro. As formigas teem por estas nymphas os mesmos cuidados que com as larvas, salvo no prover a alimentação.

Passado isto, ainda não está tudo acabado; é preciso que o insecto perfeito saia da casca. Mas as suas maxillas não são ainda tão fortes que lhe permittam abrir o envolucro sedoso da nympha. As obreiras, ás quaes um admiravel instincto revela o momento preciso do nascimento, interveem então; mas que enormes difficuldades a vencer!! Mais d'uma vez succede serem muitos individuos obrigados a atacar conjunctamente a mesma casca. Começam por enfraquecel-a, arrancando alguns fragmentos na parte superior; depois torcem-a em todos os sentidos até que a desorganisam por completo. Agora já lhe podem passar as mandibulas. Só lhes resta augmentar o buraco para que o insecto possa sahir. Tiram-o então, tomando todas as precauções necessarias para não lhe fazerem nenhum mal. Mas teem ainda de a livrar do envolucro proprio da nympha. Immediatamente a prisioneira desprende as antenas e as patas. Começa a andar, mas tem grande necessidade de comer. As obreiras dão-lhe o alimento durante alguns dias. Se as formigas que acabaram de nascer são machos ou femeas as obreiras estendem-lhes as azas e ninguem calcula a delicadeza com que fazem este difficil trabalho, sem deteriorarem tão delicados orgãos. Depois, occupam-se da educação das que nasceram; acompanham-as para toda a parte, com uma attenção particular, como para lhes fazer conhecer todas as passagens e os compartimentos. Só deixam de dirigir os seus movimentos quando estão prestes a deixar o formigueiro para satisfazer ás necessidades da propagação.

Os habitos das formigas teem sido objecto de numerosas observações. A formiga é dotada de uma grande previdencia e é laboriosissima. Numerosas familias vivem conjunctamente no mais perfeito accordo. Nunca a mais pequena desintelligencia entre ellas; nunca ha luctas de morte como entre as abelhas.

Para vermos a intelligencia da formiga, citamos um exemplo. Se se destruir um formigeiro, vêem-se immediatamente os individuos que estão á entrada collocarem-se em attitude aggressiva, emquanto outros vão prevenir os habitantes que estão nos andares inferiores do formigueiro. Vê-se então chegar de todas as partes da habitação uma massa de obreiras que, n'um instante, comprehendem o perigo que as ameaça. Deitam-se ao aggressor e procuram vingar-se dos estragos que lhes causaram. Quando uma formiga é ferida, as que a encontram apressam-se a leval-a para o domicilio commum.

Formiga vermelha (neutra)

Para executarem os seus trabalhos ou os diversos actos da sua vida, as formigas teem uma especie de linguagem muda, mas que ellas facilmente comprehendem e que se transmitte pelas antenas. Ha n'estes orgãos um sentido particular, que nos parece ser desconhecido. Uma formiga que entre trazendo alimento, encontrando-se com as suas companheiras, toca-lhes com as antenas como para as convidar a ir tambem lá buscar o fornecimento;

as que ainda não foram inquirem da mesma fórma. Graças ás suas antenas, talvez tambem á vista, ao cheiro, á memoria, as formigas sabem dirigir-se para pontos muito distantes e voltar para o seu formigueiro. É certo que o cheiro especial que deixam por toda a parte contribue para irem pelo mesmo caminho. Observando as formigas a caminhar, quer as que vão, quer as que veem, admira vél-as seguir uma mesma via, sem que nada a faça distinguir: examinando-as com attenção, vêr-se-hão palpar continuamente o terreno com as antenas como para o sentir.

Se se passar com força um dedo, atravez do caminho, tira-se assim a camada superficial impregnada de cheiro, pela sua passagem continua, e é como se se tivesse cavado um rego profundo. Logo que cheguem á extremidade do traço feito pelo dedo, as formigas d'um lado e do outro deteem-se, vão-se embora, veem de novo e repetem muitas vezes esta manobra, interrogando-se sempre com as antenas; emfim, uma d'ellas, a mais brava, decide-se, não sem hesitação a fazer um novo caminho, e, immediatamente, todas as outras a seguem.

[Formiga ruiva [femea]

As formigas não são difficeis de contentar a respeito de alimentos: materias animaes ou vegetaes, carnes frescas ou corrompidas, insectos vivos ou mortos, larvas, fructos e sementes, tudo lhes serve. Teem uma assignalada preferencia por tudo que é assucarado.

Um dos pontos mais celebres da vida das formigas é a previdencia que as leva a juntar grandes provisões para o inverno; esta previdencia já é proverbial. Tambem tem sido muito exagerada, porque, sobretudo no nosso clima, as formigas immobilisam-se durante a estação dos frios. Ás vezes, porém, sahem da sua lethargia quando lhes escasseia a alimentação.

Se as formigas vivem em paz nos seus formigueiros, não succede o mesmo entre as de habitações differentes, e sobretudo entre as diversas especies d'este genero. Ás vezes fazem-se guerras encarniçadas. Parece que as formigas são muito irasciveis e melindrosas em questões de visinhança. Quando dois partidos inimigos se encontram, ambos querem ficar senhores do terreno. Então, as formigas batem-se corpo a corpo, agarram-se, sacodem-se, derribam-se e cortam-se em bocados. O campo da batalha, que chega a ter mais de um metro quadrado, fica juncado de mortos, de feridos, ou de individuos aturdidos pelas descargas do acido formico. Muitas vezes o combate continua no dia seguinte. O partido vencedor acaba por invadir e por estragar a habitação inimiga; depois, os vencidos decidem-se a emigrar para mais longe, sem recomeçarem a batalha.

Nympha e casulo das formigas cinzentas escuras

As especies mais bellicosas são as formigas chamadas ruivas ou amazonas, que formam hoje o genero polyerga. Os seus habitos foram muito bem estudados e contados por Huber, o grande mestre que reconheceu o tacto e o olfato das abelhas, e que assim relata uma batalha a que assistiu:

«Passeando nos arredores de Genova, entre as quatro e cinco horas da tarde, vi a meus pés uma legião de grandes formigas ruivas que atravessavam o caminho; seguiam em batalhão com rapidez; a tropa occupava um espaço de 8 ou 10 pés de comprimento e 3 ou 4 pollegadas de largo. Em poucos minutos, tinham evacuado completamente o caminho. Penetraram n'uma sebe muito espessa, atravessaram-a e passaram para um prado, onde as segui.

Serpenteavam a erva sem se perderem, e a columna ficava sempre continua, apesar dos obstaculos que tinha a vencer. Depressa chegaram ao pé d'um ninho de formigas acinzentadas escuras, cuja cupula se elevava, na herva, a vinte passos da sebe. Algumas formigas d'esta especie encontravam-se á porta da habitação. Logo que descobriram o exercito que se approximava atiraram-se ás que vinham na vanguarda da cohorte. O alarme foi dado no mesmo instante no interior do formigueiro, e as companheiras sahiram em grupos de todos os subterraneos. As polyergas ruivas, cujo grosso do exercito estava a dois passos, apressaram-se para chegar perto do formigueiro. Toda a tropa se precipitou d'uma vez e derrotou as cinzentas escuras, que, depois de um combate muito curto, mas muito vivo, se retiraram para o interior do formigueiro. As polyergas ruivas subiram pelos flancos do monticulo, reuniram-se no cimo, e introduziram-se em grande numero nas primeiras avenidas. Outros grupos trabalhavam com as mandibulas para fazerem uma abertura na parte lateral do formigueiro. Foi-lhes favoravel esta empreza, e o resto do exercito entrou pela brecha, na cidade sitiada. Não se demoraram lá muito tempo. Tres ou quatro minutos depois, as polyergas ruivas sahiam á pressa pelos mesmos caminhos, tendo cada uma na bocca uma larva ou uma nympha do formigueiro invadido. A tropa distinguia-se facilmente na erva, pelo aspecto que offerecia esta multidão de cascas ou de nymphas brancas, conduzidas por tantas polyergas ruivas.»

Formiga ruiva [neutra]

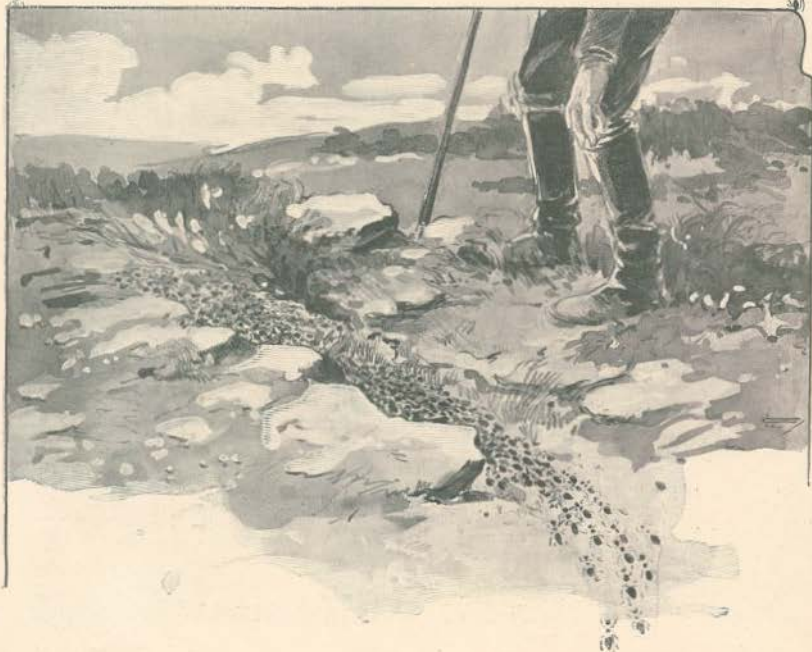
As formigas amazonas reduzem os seus inimigos a escravos; a formiga encarnada tem os mesmos habitos. Quanto ás escravas, pertencem ás especies chamadas mineiras e cinzentas escuras. As formigas amazonas, que não teem aguilhão, não podem construir os ninhos, nem cuidar da progenitura, nem dar-lhe alimentos quotidianos, de maneira que perigariam infallivelmente se estivessem entregues aos exclusivos cuidados dos seus parentes. Graças aos seus instinctos bellicosos, ao seu humor guerreiro, sabem encarregar dos seus cuidados outras formigas. Teem mesmo a precaução de não capturarem os insectos perfeitos, que abandonariam depressa a habitação dos seus tyrannos, para voltarem á vida livre. Muito pelo contrario, as larvas e as nymphas das mineiras e das cinzentas escuras, nascidas no ninho das amazonas, tomam-o como se fôsse o seu, habituam-se a viver ali, cuidam das suas larvas e das dos seus mestres, acceitando assim com resignação os cuidados e os trabalhos mais penosos. São estes os unicos casos em que se encontra n'um formigueiro formigas pertencentes a duas especies distinctas. Encontram-se tambem muitas vezes individuos maiores, com uma grande cabeça e com as mandibulas muito rijas, a que se chamam os capitães; são as encarregadas da policia da habitação e punem severamente, mordendo-as até, as obreiras desobedientes.

Na ordem geral da natureza, as formigas parece que desempenham funcções importantes. Pelo seu numero e pela sua voracidade, contribuem, com outros insectos, para fazerem desapparecer uma grande quantidade de substancias organicas cuja decomposição acabaria por infectar o ar. Teem-se mesmo utilisado os seus serviços d'uma maneira muito engenhosa, fazendo-lhes devorar as carnes dos animaes de que se deseja conservar o esqueleto. Preparam estes esqueletos melhor do que o faria o mais habil anatomista.

As formigas teem a propriedade de segregar e de ejacular um liquido acido, a que a chimica chamou acido formico. Este acido tem um saber muito agradavel, que lembra, segundo alguns amadores, o do limão. O assucar embebido n'elle, e dissolvido na agua, dá uma bebida refrigerante e muito agradavel.

As formigas, com as mandibulas, fazem feridas pequenas, mas muito dolorosas. Todas deitam, mordendo ou picando, um liquido amargo que causa ardor ou comichão muito viva, que se cura facilmente com o oleo ou o alcali volatil.

No interior das habitações, as formigas mineiras causam muitos estragos. Nada ha para as destruir como o tartaro emetico, dissolvido na agua e misturado com assucar. O destroço é por esta fórma completo.

Armando Xavier da Fonseca.

A SOBERANIA DAS ESTAMPILHAS

Um velho philatelista ◎ Os inventores dos sellos ◎ Uma historia de certo plantador d'anil que não interessa ◎ Os maiores collecionadores de sellos ◎ Qual o sello portuguez de mais valor!? ◎ O que evocam as estampilhas

O velho philatelista com a sua lente bem apurada, o ar attento d'um sabio, porque o philatelismo é uma sciencia, analysando as estampilhas com a nervosa curiosidade d'um egyptologo diante d'uma inscripção de Ramsés, deixava contar a historia. Mas, decididamente, aquillo não o interessava, porque o seu espirito andava preso no exemplar que tinha sobre a meza, um sello preto da ilha da Reunião a que parecia faltar um pedacinho de canto e não podia conter mais impressões. As mãos tremulas do velho mal seguravam a lente forte e o seu rosto pallido, na moldura dos cabellos brancos, demonstrava bem que não ouvia nada. Todo elle se entregava á sua estampilha, assim, sem valor.

Mas sobre a meza, em grandes folhas largas, havia mais sellos, muitos milhares, de todos os paizes e de todas as colonias, azues e vermelhos, alaranjados e verdes, com retratos de soberanos e chancellas d'estados, com symbolos e com corôas, com marcas violentas dos correios e com picotados estranhos, estampilhas que evocavam grandes dôres e fartas alegrias, algo mysteriosas como os sobrescriptos d'onde tinham sido descolladas e que atravessando os continentes, no fundo das grandes malas do correio, vindas nos porões dos navios desde as regiões mais exoticas ás avenidas tumultuosas das capitaes, tinham cahido á força de dinheiro na sua collecção: — uma das primeiras do mundo e que lhe dava a ventura d'um punhado de diamantes a uma mulher, d'um thesouro amoedado em bom ouro a um avarento. Elle era tambem um avaro; guardava o dinheiro com furia, com ancia, para o gastar depois n'aquelles pedacinhos de papel, que mãos indifferentes tinham collado nos sobrescriptos como prodigas, mal sabendo o carinho com que elle trataria tudo aquillo.

Tinha oitenta annos e desde que em 1840 James Chalmers ou Rowland Hill, uns inglezes praticos, desenvolvendo a idéa de Velayer, um francez que já em 1653 imaginára os bilhetes de porte pago começaram a pôr em uso as estampilhas, o seu olhar attento e a sua mão anciosa começaram a recolhel-as n'um sentimento louco de collecionador.

Desdenhava os que vieram depois; chamava-lhes sellos manos e brindava-se a si proprio com o titulo de philatelista, palavra que filiada no grego quer dizer: amigo da franquia.

Podia, pois, aquella mulhersinha, que estava na sua frente toda tremula, contar-lhe historias que elle achava de dormir em pé. Que se importava agora que o avô d'ella tivesse andado pela ilha de França, agora chamada ilha Mauricia, feito lenhador d'ebano e cultivador de anil?! A côr d'ebano para elle eram as marcas fortes do correio, o anil da estampilha de 13 centimos do Hawaï, com a sua cercadura e com o seu numero e o seu valor. Que tinha elle com isso, com o avô d'uma desconhecida que se lhe apresentava para lhe dizer que esse caçador de fortunas, esse audacioso portuguez, em terras longinquas, a meio do Oceano Indico, fizera o negocio do ebano, e cuja carregação se perdera, deixando-o na miseria e mais aos descendentes?! Que queria?! Deixasse-o em paz com as suas estampilhas! Já irritado, repuxava os cabellos para detraz das orelhas e ia affirmando a lente para o seu sello da Reunião. E fal.ava-lhe um bocadinho?! Elle que tinha uma collecção melhor que a de mr. Tapling, que valia oitocentos mil francos, superior á de mr. Caillevote, que não a dava por duzentos mil, tão boa como a de Rotschild, como a do tzar, e ainda assim não era o primeiro collecionador do mundo! Se elle pudesse um dia occupar o logar de mr. Filippe Ferrari, cuja collecção era a primeira e que valia dois milhões?! E era n'isto que pensava emquanto a rapariga lhe falava do avô e da sua carregação d'ebano! De sellos, de sellos! Falasse-lhe de correio!! Sabia acaso qual era a estampilha mais cara de Portugal?! Não sabia?! Não vira nunca o sello novo de tostão de D. Maria II?! Pois era esse, sim esse mesmo; elle lh'o mostrava com o retrato da soberana em branco n'uma moldura lilaz! Valia de 100 a 150$000 reis. Sim, falasse-lhe d'isso... Agora do avô, da ilha de França, d'esse cultivador d'anil?!

E como ella o olhasse espantada, tornava n'um accesso da sua mania dominante:

Quando se timbraram os primeiros sellos portuguezes ◎ Quando se puzeram em circulação ◎ O gravador dos sellos de D. Luiz e D. Carlos ◎ Trinta e tres mil typos de sellos ◎ As estampilhas de maior valor do mundo ◎ Uma Bolsa de sellos

— Não sabia qual o decreto que creára os primeiros sellos postaes em Portugal?! Fôra a 27 d'outubro de 1852... E a circulação?! Sim quando tinham sido postos em circulação?! Tambem não sabia... Pois elle lh'o dizia do alto da sua indignação... Era demais tanta ignorancia...

Que em 20 de junho de 1853 tinham vindo os de 5 e os de 25

As quatro estampilhas de D. Maria II, das quaes a de 100 réis vale hoje 150$000 réis (creada em 1853)

réis, a 2 de julho do mesmo anno as de tostão, em 21 de junho, ainda da mesma epoca, as de meio tostão... E tinha-as todas, todas... Ali estavam n'aquelles papeis!... Tinha-as como o sr. Marsden, empregado superior da casa Guilherme Graham e cuja collecção de sellos portuguezes vale de 14 a 20 contos!

Manchon, o celebre gravador francez, encarregado de gravar o retrato d'el-rei D. Carlos para as novas estampilhas que entrarão em circulação no proximo anno.

Mostrava-lh'as a clamar já rouco, n'um gesto largo:

— Olhe e agora só em valores postaes sahem da Casa da Moeda 110 milhões de sellos e outras franquias na importancia de mil cento e vinte contos! Ahi tem! E não as conhece... Pois repare n'este lindo sello de D. Luiz...

Abonançava a voz n'uma ternura infinita, mostrava-lhe um sello avermelhado na pontinha dos dedos espatulados e dizia com mais carinho:

Gravou-o o Manchon, o primeiro gravador de França, que vae agora gravar o retrato de el-rei D. Carlos para os sellos que se porão a circular no anno que vem!... Não sabe nada d'isto?! Mas então o que sabe?!... — e resmungou entre dentes que uma mulher assim não podia ser boa dona de casa.

Esta pilha da Moldavia, de 81 paras [1858] [Valor 1:500$000]

Estampilha da Moldavia, de 27 paras [1858] [Valor 1:500$000]

Depois como a visse, no seu vestidinho simples, a tremer, sentou se com força na poltrona e declarou:

— A estampilha é tudo no mundo!... Sem ella não se podia communicar por um preço reduzido com os logares mais distantes... Ah! Sabe lá o que é a estampilha... Olhe que ha trinta e tres mil typos de sellos e eu tenho-os quasi todos, em bom estado, repare bem... Em bom estado, e authenticos com as suas serrilhas, sem manchas e bem carimbados... E o que isto vale?! Até já ha uma Bolsa de sellos em Paris, nos Campos Elysios, no quarteirão de Marigny...

Esta pilha da Guyana ingleza a 2 centimos, côr de rosa. [Valor: 2:500$000]

Estampilha da Guyana ingleza, 4 centimos, côr de palha [Valor: 130$000]

Parecia dizer-lhe que aquillo apenas era a vida, a agitação, a anciedade; o resto nada valia. Se vinha um novo typo de sello que goso para a sua alma, se surgia um raro exemplar receava apenas não ter dinheiro para o pagar... O sello é um valor, mas é um goso tambem!... Se até tem uma linguagem... Sim, se collocados nas cartas de maneiras differentes exprimem cousas diversas!... E vinha-lhe ella agora com o avô, com o trabalhador da

Estampilha do Hawai, de 2 centimos [1892] [Valor: 500$000]

Estampilhas da ilha da Reunião, 15 e 30 centimos (Valor: 540$000)

ilha Mauricia... Com o anil, com o ebano, com o naufragio em que perdera os haveres... Estampilhas... estampilhas... Ella sabia lá o que essas cousinhas tão simples queriam dizer... Para elle tudo... E tinha oitenta annos; não era para ahi um gaiato...

Estampilha russa de 30 kopeks, vermelha [Valor: 40$000]

Olhava-a agora e ao vêl-a muito pallida e suffocado, tomava um album onde havia alguns pontos brancos, dizendo:

— E faltam-me alguns!...

As suas mãos tremiam e então enumerava os que possuia e os seus valores. Que eram dos mais raros do mundo:

— Este da Russia de 30 kopeks, vermelho, de 1850, vale quarenta mil réis, este da Moldavia de 81 paras, 1858, novo... aqui novinho em folha, vale um conto e quinhentos mil réis e o outro obliterado já diminue de valor... Apenas um conto de réis. O de 27 paras, um conto e quinhentos mil réis sendo novo e obliterado quinhentos mil réis ... Mas ha mais, ha muitos mais... Olhe estes da Guayana ingleza de dois centimos e côr de rosa... Que linda côr de rosa... Aqui onde o vê são dois contos e quinhentos mil réis... O outro, este côr de palha de quatro centimos cento e trinta mil réis, ainda este verde, oito centimos... Sabe que não o dou por cento e cincoenta mil réis...? Era melhor, sellos de 1850! Mas o de 1856, de quatro centimos, azul e tambem da Guayana nem por duzentos e quarenta mil réis o largo... Mas tenho mais... Olhe os da ilha da Reunião de 15 e 30 centimos, negro sobre azul e de 1858 valem ambos quinhentos e quarenta mil réis... Estes do Hawai de 1892, os de 2 centimos, os de cinco e os de 13, todos azues, valem quinhentos mil réis, trezentos e duzentos... Repare, veja bem isto... É do Afghanistan, de uma rupia, violeta-pardo de 1870... Sabe quanto vale? Cem mil réis. Como este da Suissa, de Genebra, 5+5, como este da Columbia de 20 centimos, côr de rosa, novo, 1843. Os de 1862 valem cento e trinta mil réis cada um... Que digo eu!... Mas eu não dou isto por cousa alguma... É o meu thesouro... A minha soberania...

Estampilha da Columbia, de 20 centimos [Valor: 100$000]

Os reis collecionadores de sellos ◎ Quanto vale a melhor collecção do mundo ◎ O sello mais caro ◎ O rei dos sellos ◎ Como já interessa a historia do plantador de anil ◎ Carinhos d'um collecionador ◎ Uma fortuna philatelica

Com o dedo espatulado ao canto da bocca, tornou meditativo:

— Se eu pudesse ser o rei das es-

Estampilha do Hawai, de 15 centimos [Valor: 200$000]

tampilhas! Sim, se eu saltasse por cima de mr. Filippe Ferrari... Oh! mas é um sonho... A collecção d'elle vale dois milhões de francos... Quatrocentos contos... Sim... mais que a do czar . mais que a da rainha Guilhermina da Hollanda, os monarchas collecionadores de sellos... A sua collecção era muito melhor que a collecção do sr. conde Rego Botelho, dos colleccionadores portuguezes o que tem a melhor collecção universal. E muito baixinho dizia:

E lembrar-me que qualquer dia uma bomba d'um nihilista pode fazer perder a collecção do czar... Oh! que patifaria... Elle deve ter a rainha das estampilhas, a mais cara... A da ilha Mauricia de 2 pences, azul, que vale tres conto e quinhentos!...

A Rainha das estampilhas.—Estampilha de 2 pence da Ilha Mauricia.

[Valôr 3:500$000]

Viu a rapariga desfallecer na sua frente, teve um sorriso escarninho, disse:

Estampilha côr de laranja da Ilha Mauricia [Valor: 1:000$000]

— Admira-se!... Pois saiba que eu dava-os, dava-os com alma e se não os tivesse era capaz d'um crime... Eu, com a minha edade e com a minha folha corrida... Sim, senhor. O de 2 pence, azul, da ilha Mauricia vale tres contos e quinhentos... O côr de laranja de 1847, da mesma ilha, vale um conto de réis... o de 2 pences, azul, quatrocentos mil réis, o de um shilling, amarello, de 1862, trezentos mil réis... Oh! mas o de 2 pences azul, com o retrato da rainha Victoria, com as suas lettras, com os seus dizeres suaves: *Postage, Post office... Two pence... Mauritius...* tres contos e quinhentos... De contado... Todos dão...

— Tanto dinheiro!...

Estampilha amarella da Ilha Mauricia, de 1 schilling [Valor: 400$000]

Riu muito ao ouvil-a dizer aquillo amedrontada, as suas risadas eram extranhas, os seus olhos luziam, a sua mão velha batia na capa d'um album:

Estampilha do Afghanistan, de 1 rupia [Valor: 100$000]

— Tres contos e quinhentos para o ter a cantar aqui!...

— Mas... mas... Era para isso que eu vinha... Sim, disseram-me. . E falou de novo do avô, da ilha Mauricia, do anil, do ebano e entrou a tirar da sua malinha muitos sobrescriptos estampilhados, com marcas de correio, a puxar cartas datadas de 1847 e atiral-as para cima da mesa, a cobrir os albuns deante dos olhos do velho admirado:

— Ilha Mauricia... Oh! Olha o d'um penny, côr de laranja... Vale um conto de réis... Olha o azul... Tres contos e quinhentos...

Mas as suas mãos pousavam sobre as cartas, mexiam nas, balbuciava:

— Abençoado avô o seu... Com que então negociava em anil...? Ah! o anil é um bom negocio... Sim, senhor, sim... E em ebano... oh! maravilhoso... Já tive uma mesa d'ebano... Que grande homem, o seu avô...! O diacho foi o naufragio... Sim, coitado... Um homem que trabalhou tanto... E escrevia muito á familia... Sim, senhor... Ah! que lindo sello este de 2 pences, azul... Abençoado avô o seu... Sem elle não teria eu agora o consolo de vêr isto...

— Tenho mais lá em casa... meu avô escrevia a miudo...

E ria, ria muito, a mostrar os seus dentinhos brancos, radiante em face do velho que enlivedecia e berrava:

— Mais!... Mas vae fazer cahir o mercado... Vão ser baratas as estampilhas da Mauricia... Deixa de haver a raridade... Oh! minha senhora... Eu pago-lhe estas mas deixe-me queimar as outras! Accenava-lhe que sim, e punha-lhe as cartas em fileira. Elle via-as muito claramente. Eram dez e d'aquella boquita rosada de mulher sahia uma cifra: São trinta contos de réis... Trinta contos!...

Estampilha da Ilha Mauricia, de 2 pence, n.º 1 [Valor: 400$000]

— Trinta!... Pois sim... Quero dizer... É muito... O quê?! muito?!... Não... Eu vou pagar-lhe...

E com este dinheiro faz um diadema com certeza. As estampilhas azues são boas gemmas, as côr de laranja e as amarellas, que ricas! Tudo trocado em bom dinheiro, feito n'uma joia... Que bella herança lhe deixou seu avô...!

Que rica idêa em ir para as ilhas Mauricias... Mas vamos queimar os outros e pagar-lhe estes...

Estampilha de Genebra, 55 centimos [Valor: 100$000]

Quando se ergueu da poltrona para mexer na gaveta ficou pasmado, lançou um olhar em roda, o velho philatelista, e com as mãos apoiadas no album, poz-se a dizer entre as gengivas:

— A allucinação mais feliz do philatelista, tive-a... Que possuia dez sellos das ilhas Mauricias, azues, de dois pences... É como quem diz um diamante da corôa, porque a estampilha, esse pedacinho de papel collado ao acaso é hoje uma riqueza...

E abençoou os dois deditos de Porto que o tinham feito amodorrar na sua poltrona de couro, diante dos seus sellos e que assim o tinham feito senhor d'um ficticio thesouro philatelico...

ROCHA MARTINS.

Algumas estampilhas raras de Portugal e das possessões portuguezas — Photographadas da collecção do sr. Marsden, o mais notavel colleccionador de estampilhas portuguezas, cuja collecção vale de 14 a 20 contos de réis

RAUL PEREIRA

HUMOURESQUE

(PARA PIANO)

Grazioso (M.80=𝅗𝅥.)

leggierissimo e spiccato p

Ped.

1ª 2ª Fim

ff.

Ped.

pesante.
1ª
2ª
p
M.D.
M.G.
1ª
2
ff.
Ped.
p
Diogo Augusto

AS MODAS DO INVERNO

Figurino da celebre casa Rouff, destinado especialmente á ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Vestido *tailleur*, em velludo xadrez azul e preto, com guarnições de velludo azul e vidrilhos.

Cliché Félix.

CONTINUADO DO N.º 33

Prisão de braço em rotação por debaixo ◉ Prisão de cabeça e braço ◉ Cintura de frente em terra ◉ Cintura de lado em terra ◉ Cintura em flexão ◉ Prisão de cabeça e cintura ◉ Prisão de cabeça em terra ◉ Defesas correspondentes a estes golpes

Prisão de braço em rotação por debaixo, 1.º tempo, (fig. 62)—Quando o adversario esteja com o busto um pouco levantado, segura-se-lhe com a mão direita o pulso esquerdo, collocando-lhe previamente o braço correspondente sob a axila direita do luctador que emprega o golpe, o qual, com a mão esquerda, lhe agarra o pulso direito. Levantando-lhe depois o braço, o luctador colloca a sua cabeça sob a axila direita do adversario. Em seguida ajoelha e deita o corpo para traz, obrigando assim o adversario a cahir.

2.º tempo do mesmo golpe (fig. 63)—Força-se o adversario, depois de estar em terra, a assentar as espaduas, mantendo firmes as prisões, e empregando para esse fim uma *ponte*, conforme indica a gravura. Este golpe póde ser feito para qualquer dos lados, invertendo respectivamente as indicações de direita ou esquerda da descripção que antecede.

Defezas da prisão de braço em rotação por debaixo.—As defezas d'este golpe podem ser: 1.ª impedir que o adversario colloque a cabeça sob a axilla; 2.ª, quando esta primeira defeza não dê resultado empregar uma *ponte*.

Prisão de cabeça e braço, 1.º *tempo* (fig. 64).—Prende-se, com a mão direita, o braço direito do adversario, um pouco acima do cotóvelo, viram-se-lhe as costas de maneira que o hombro direito do luctador fique sob a axilla do mesmo lado do adversario e com a mão esquerda segura-se-lhe a cabeça, collocando-a sobre o hombro do mesmo lado. Em seguida inclina-se o dorso para a frente, levantando o adversario do chão, e ajoelha-se rapidamente, obrigando o a dar uma cambalhota.

2.º *tempo do mesmo golpe* (fig. 65). — Logo que o adversario dê a cambalhota, o luctador, mantendo bem firmes as prisões, segue-o no mesmo movimento, cahindo em cheio sobre elle e obrigando-o assim a assentar as espaduas no tapete.

Defeza da prisão de cabeça e braço.—A defeza d'este golpe consiste em collocar a mão que está livre nos rins do adversario, inclinando o corpo para traz, e impedindo assim o mesmo adversario de effectuar a prisão de cabeça. Caso esta defeza não dê resultado, pára-se com uma *ponte*, que deverá ser muito resistente para evitar o seu esmagamento por effeito do choque do adversario.

Cintura de frente em terra, 1.º tempo (fig. 66).—Quando o adversario, em terra, esteja com o busto um pouco levantado, o luctador avança e colloca a cabeça sob a axilla d'elle de qualquer dos lados. Em seguida cintura-o com energia, avançando e carregando-lhe com o hombro sobre o peito, obrigando-o assim a cair de costas.

2.º tempo do mesmo golpe.—Mantem-se bem a cintura e obriga-se o adversario a assentar as espaduas no chão.

Defeza da cintura de frente em terra.—A defeza a empregar contra este golpe consiste em o luctador procurar levantar-se e por sua vez dominar o adversario.

Cintura de lado em terra, 1.º tempo (fig. 67).—Executa-se este golpe collocando o pé direito entre os pés do adversario, o qual se cintura com o braço direito, passando-lh'o pelas costas. Em seguida a mão esquerda dá uma pancada no braço esquerdo do adversario, a fim de o privar do apoio que o mesmo braço lhe offerece.

2.º tempo do mesmo golpe.—Depois do adversario ficar na situação acima descripta, procura-se viral-o, puxando-o com o braço que faz a cintura, e o luctador passa então para cima d'elle, obrigando-o assim a assentar as espaduas. Este golpe póde-se fazer para qualquer dos lados, mas deve ser energica e rapidamente executado.

Cintura em flexão, 1.º tempo (fig. 68).—O luctador, collocado um pouco atraz do adversario, passa lhe rapidamente uma cintura, e em seguida puxa-o energicamente para traz.

2.º tempo do mesmo golpe (fig. 69).—Mantendo bem a cintura, o luctador, depois de puxar o adversario, deita-se de lado atirando-o de costas. Esta cintura deverá ser muito rapida.

Defeza da cintura em flexão.—A defeza d'este golpe está em o luctador, depois de ser deslocado, piruetar e cair de bruços.

Prisão de cabeça e cintura, 1.º tempo (fig. 70).—O luctador colloca-se perpendicularmente á direita do adversario, passa-lhe um intercalamento com o braço direito e prende-lhe a cabeça. Em seguida cintura-o com o braço esquerdo, collocando o hombro do mesmo lado, tanto quanto possivel debaixo do ventre d'elle. Puxa-o então com a mão que cintura, e empurra-o com o hombro e o braço que faz o intercalamento obrigando-o assim a virar-se.

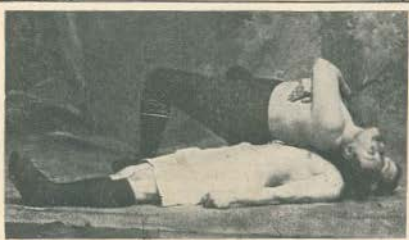
2.º tempo do mesmo golpe.—Em seguida á execução do tempo precedente assentam-se as espaduas do adversario, mantendo bem as prisões e carregando energicamente com o rosto e peito.

Este golpe executa-se por qualquer dos lados.

57
4.º tempo da prisão de braço

58
1.ª defeza da prisão de braço

Defezas da prisão de cabeça e cintura.— As defezas d'este golpe consistem em o luctador procurar levantar-se e evitar assim que o adversario prosiga nas prisões. Caso o luctador se não possa salvar por este modo, recorrerá a uma *ponte*. *(Continúa)*

59
2.ª defeza da prisão de braço

61
2.º tempo da prisão de braço em rotação

60
1.º tempo da prisão de braço em rotação

Illustração Portugueza

DIRECTOR—CARLOS MALHEIRO DIAS

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Bicyclettes

A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo sortimento de bicyclettes e accessorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «B. S. A.» e Linon. Recebeu-se nova remessa da nova marca de bicyclettes «Imperial», ultimamente adquirida por esta casa e que tão lisongeiro acolhimento tem tido devido não só á sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accessorios como bem esmaltada e de quadro tracejado que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores inglezes, buzinas, lanternas, correntes, etc., etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1906-1907. Descontos para revender. **J. Castello Branco**, rua do Soccorro, 48, e rua de Santo Antão, 32 e 34—Lisboa.

Instrumentos de corda

Guitarras, bandolins, violas e accessorios para os mesmos, envia catalogos gratis para fóra. AUGUSTO VIEIRA, R. de Santo Antão, 4.—Lisboa.

Offerecimento especial muito vantajoso

Franco de porte e enfardeladura, em pacote postal sortido por nós, enviamos rosas de classe escolhida, com esplendida riqueza de côres. Ninguem soffre desengano ao recebel-as.

20 rosas baixas formosas	Frs. 9,75	40 rosas magnificas, capulhos	Frs. 28,25
20 rosas baixas formosissimas	» 11,75	15 rosas trepadoras ornamentaes	» 11,25
20 rosas baixas novidade	» 19,75		

Envia-se gratis as instrucções para o cultivo junto com o pacote a quem o pedir.

SOUPERT & NOTTING, Luxemburg (Grossherzogt)—Casa fundada em 1855, reputada universalmente, a mais antiga que se dedica a cultivar especialmente rosas do paiz, fornecedores de 6 côrtes, proprietarios de dist nctas e altas ordens.

Em Paris 1900, membros do jury superior—Catalogo illustrado gratis e franco, 2:500 classes de rosas

Só não tem cabello nem barba quem quer!!

Fazemos nascer

Cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias

Garante-se que não é nocivo

Remette-se com toda a descripção

Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabello abundante. Temos levado com o nosso **balsamo Mootcy, a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não recorreu debalde!** Homens notaveis e não notaveis, todos nos tem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares de Africa e d'Australia é o nosso **Mootcy** conhecido e apreciado. Póde-se por isso dizer com verdade, que goza de fama universal.

O preço para o Mootcy é de **2$515 reis** por porção (**uma porção chega perfeitamente**). O pedido de 2 porções, uma para a barba e outra para o cabello, tem o preço especial de 4$420 réis.

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remedio não der resultado algum.

Se isto não fôr verdade pagamos ao comprador

300$000 (trezentos mil réis)

Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes teem escripta a palavra **Mootcy**.

Envia-se diariamente para todas as partes mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adeantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

MOOTCY DEPOT Ditmar Koelster, 3, Hamburgo, 133

O maior e o mais importante estabelecimento da especialidade na Europa.

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phrenologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze e d'Arpentigney.

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 1$000, 2$500 e 5$000 réis.

Union Maritime e Mannheim

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y El Fenix Español, R. da Prata, 59, 1.°, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivé o seguro denominado «Popular» para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa

Lima Mayer & C.ª

RUA DA PRATA, 59, 1.°

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anneis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.

CHRONOMETRO ZENITH

O melhor relogio em ouro, prata e aço. O unico que em dois annos conseguiu impor-se a todas as outras marcas

Aguas mineraes do Monte Banzão
COLLARES

PEÇAM

EM TODA A PARTE

R. Arco Bandeira, 216, 2.°

LISBOA

COLLARES
Aguas mineraes do Monte Banzão

Automobili-Isotta Fraschini

Os mais solidos, simples e economicos e os que melhor sobem

Central Garage, F. S. Martinho & C.ª
Accessorios e officinas de reparações
Rua da Escola Polytechnica, 225 227 229 e 231, Lisboa.

Sedativo **Beirão**

Anti-dysmenorrheico

E' o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrhea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dôres reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; nauseas, vomitos, diarrhea; abate a elevação de ventre por accumulação de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O SEDATIVO «BEIRAO» actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funcções e é muito efficaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. E' indispensavel na amenorrhea accidental ou suspensão subita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O SEDATIVO «BEIRÃO» contém propriedades tonicas, adstringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo branco-utero vaginal (leucorrhea).

O SEDATIVO «BEIRAO» é de grande valor terapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes; deminue a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio da circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e de outras molestias que sobreveem pela cessação final dos mentruos n'esta mudança da vida da mulher. O SEDATIVO «BEIRAO» não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

Depositos auctorisados: em Portugal, Pharmacia Liberal, Avenida da Liberdade, 167, Lisboa — Pharmacia do Padrão: Rua Formosa, 40, Porto — Inglaterra e colonias: Mr. J. Wyman—Export Droggist: 58 e 59, Bunhill Row London, E. C.

"O PIPERINOL"

Preparado para dar côr e brilho em moveis, soalhos e lambris, 9m quadrados de soalho por 550 réis?!! que é o preço de cada litro, não tem cheiro algum, substitue todos os antigos preparados d'agua-raz. «**O PIPERINOL**» (INCOLOR) para dar brilho em parquês, moveis e mais ornamentações em madeiras claras, etc., não lhe alterando a côr, substituindo a cêra e agua-raz *sem cheiro algum*. Applicação facil e rapida, 1 litro para cada 10m quadrados. Instrucções e amostras no deposito unico, **Rua de Buenos Ayres**, 35, **GIL DIAS D'ASSUMPÇAO.**

Alcool de Menthe e Agua de Melissa

Da Abbadia dos antigos Frades Benedictinos de Fécamp

Achamos util submetter a apreciação do publico dois productos do nosso fabrico: o ALCOOL DE MENTHE e a AGUA DE MELISSA, os quaes, pela sua superioridade sobre os similares e graças ás suas qualidades perfeitamente hygienicas, adquiriram em poucos annos fama universal e bem merecida.

Alcool de Menthe Emprega-se como bebida refrigerante; favorece as digestões difficeis; as suas propriedades tonicas fazem d'elle um preservativo poderoso.

Agua de Melissa A agua de Melissa dos Benedictinos da Abbadia de Fécamp é adoptada sobretudo em casos de apoplexia, paralisia, vertigens, flato, desmaios, indigestão enxaqueca, etc.

Acham-se á venda nas principaes pharmacias, drogarias, confeitarias e mercearias. Desconto aos revendedores.

AGENTES

Wheelhouse & Mackee

LISBOA